

O discurso da sustentabilidade nas redes sociais: uma análise das interações no Facebook durante a Rio+20¹

Lara Corrêa Ely²

Resumo: O presente trabalho faz uma análise dos discursos proferidos na rede social Facebook durante a Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente Rio+20. Na medida em que busca compreender a importância da comunicação em rede na sociedade contemporânea, o estudo analisa como a sustentabilidade é disseminada pelas redes sociais digitais. A proposta de ver como a sociedade contemporânea engaja-se na referida questão foi testada por meio de duas diferentes metodologias: netnografia e análise de discurso. Por meio dos discursos proferidos sobre o tema, buscou-se compreender que movimentos são gerados discursivamente, e qual o caráter dessas conversações.

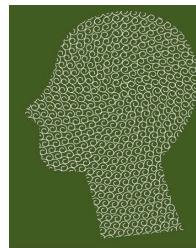
Palavras-Chave: Redes sociais. Discurso. Sustentabilidade. Engajamento. Linguagem.

1. Introdução

Com o passar do tempo, aumentou da importância das redes para a difusão das práticas de sustentabilidade. Mais atores passaram a dialogar sobre o tema e novas funções passaram a ser exercidas pela linguagem neste cenário de interações digitais. No trabalho a seguir, será feita uma breve análise teórica sobre a questão das redes sociais digitais, a evolução do conceito de sustentabilidade, uma breve conceituação e entendimento do sentido do discurso das mídias e suas transformações com era da informação em rede. Serão apresentadas a metodologias utilizadas neste estudo – a netnografia e a análise de discurso. Após, será feita a análise das amostras escolhidas para este trabalho e serão apresentadas as considerações finais. Por fim, os caminhos abertos por

¹ Resultado de pesquisa da dissertação.

² Mestre em Comunicação Social pela PUCRS. E-mail: lara.correaely@yahoo.com.br.



II Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo Ambiental

29 a 31/05/2014 | UFRGS – Porto Alegre/RS | <http://www.enpja.com.br>

essa pesquisa serão explicitados.

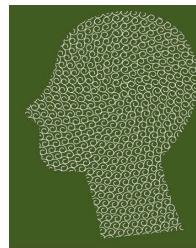
2. As redes sociais: uma nova era de informação

Um breve olhar sobre os estudos do ambiente digital permite identificar que, com a explosão das novas ferramentas de comunicação, há mais registros da memória presente. Diante disso, coloca-se a questão sobre o grau de inovação dessas narrativas e sua utilidade. Esse conteúdo comentado e informado nas multiplataformas pode ser novo? A linguagem é a mesma, ou há inovação? O sujeito da informação se transforma com mais velocidade? Os questionamentos evidenciam uma cultura comunicacional em transição. Resta saber se essa transformação toca apenas as plataformas, ou atinge de forma significativa os conteúdos dessas mensagens.

Olhar para essa dinâmica da comunicação nas redes significa olhar para o que Santaella (2001) define como interfaces do meio com o contexto. Segundo a autora, este tipo de estudo propõe uma reflexão do impacto de uma nova mídia sobre as interações e estruturas sociais já existentes.

“As mídias são também estudadas não como simples canais para transmitir informações, mas como formadoras de novos ambientes sociais, como é o caso atual das comunidades virtuais no ciberespaço” (SANTAELLA, 2001, p. 93). Segundo a autora (2001), a análise de redes sociais é utilizada para entender fenômenos sociais e comunicacionais distintos que acontecem nos objetos pertinentes à Internet.

Muitos dos discursos presentes hoje nas redes sociais são feitos em torno de desabafos pessoais, de protestos, manifestos, de expressão de sentimentos como ocorriam, antigamente, com panfletos ou protestos nas ruas. Poder-se-ia dizer que as redes sociais crescem e ampliam território na medida em que impulsionam os movimentos populares nas ruas. A ideia aqui apresentada não é de que as redes substituem esses movimentos, mas sim que atuam na articulação, apoio, fomento e aproximação de causas coletivas. As redes sociais, pelo seu alcance, definiram-se como força de mobilização e têm ganhado destaque por servir de ferramenta de comunicação para manifestantes de distintas causas.



II Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo Ambiental

29 a 31/05/2014 | UFRGS – Porto Alegre/RS | <http://www.enpja.com.br>

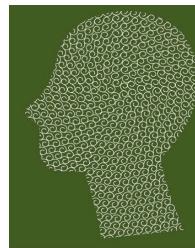
Escolhidas como pano de fundo deste estudo, as redes sociais digitais são espaços onde o conceito da sustentabilidade se espalha a cada dia. O assunto integra um novo ‘ecossistema midiático’ em formação e desenvolvimento. Estão conectados a este espaço os meios de comunicação analógicos e os meios digitais.

Ao contrário de uma visão comum generalista, as mídias sociais estão conectando mais os internautas a questões de engajamento humanitário e ambiental. Segundo Van Peborgh (2010), as mudanças provocadas pela Internet 2.0 e que lideram a geração digital englobam também a cidadania e a forma que as pessoas se mobilizam para atuar de forma coletiva. O autor explica que, por meio das novas plataformas de comunicação interativa, as pessoas passaram a adquirir uma capacidade inédita de contar histórias, compartilhar suas experiências, somar vontades e agrupar-se para iniciar ações coordenadas. Deste modo, segundo ele, as ferramentas da web 2.0 potencializam a ação coletiva no mundo real.

La web 2.0 suma así nuevas herramientas a un movimiento de cambio social que viene gestándose lentamente desde hace décadas y que involucra a organizaciones no gubernamentales y movimientos ciudadanos con la protección de los derechos del consumidor y el cuidado del medio ambiente (VAN PEBORGH, 2010, p.33).

Este novo movimento de mudança social, segundo o defensor do meio ambiente Paul Hawken (retomado por VAN PEBORGH, 2010) estaria unido por ideias, não por ideologias; compromete os cidadãos a buscarem soluções para determinadas necessidades e expressa a necessidade coletiva de democratizar as tomadas de decisão que, até o momento, se impõem de cima para baixo.

Se por um lado existe a tendência de se dizer que o uso de novas tecnologias de comunicação isola as pessoas, fazendo-as adotarem comportamentos mais passivos e individualistas, há a corrente dos que defendem as redes como fator de mobilização social. Van Peborgh pertence a este grupo. Outra autora que concorda com tal vertente é Recuero (2009), quando aborda o conceito de capital social, como um valor para mensurar a qualidade dos laços em uma rede. Segundo a autora, a reciprocidade, confiança, aspecto cívico, obrigação moral e consenso são aspectos da rede que englobam seus membros. De acordo com Recuero, o capital social reflete amplamente no espaço coletivo do grupo, e é um valor constituído de acordo com as interações entre os atores sociais.



II Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo Ambiental

29 a 31/05/2014 | UFRGS – Porto Alegre/RS | <http://www.enpja.com.br>

3. Sustentabilidade e a evolução do conceito nas redes

O advento das redes digitais é responsável pela difusão de diversos assuntos, entre eles, o da sustentabilidade. De um lado, a difusão de uma concepção reticular que se expressa com a consciência de uma cultura eco-comunicativa entre o humano e o meio ambiente. De outro, a digitalização do território e o monitoramento digital do seu estado de saúde, até a difusão online das boas práticas de ações sustentáveis a partir da colaboração de diversos atores. Estes são sinais claros de uma nova cultura ecológica e comunicativa se formando com a expansão das redes virtuais.

Diante de tal cenário, torna-se de vital importância apresentar e compreender a definição, contexto e surgimento do termo sustentabilidade e do papel da ecologia na era da informação.

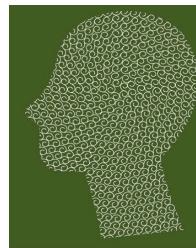
Apesar de ser amplamente difundido em diversos setores da sociedade atual, não apenas em relação ao uso racional dos recursos naturais, mas para finalidades associadas a muitos outros campos, busca-se retomar a origem do termo, que tem seu surgimento ligado a práticas de engenharia florestal no século XVII. Quando se trata sobre sustentabilidade é recorrente que se pense sobre meio ambiente, natureza e ecologia. Por isso, para dar início ao assunto, parte-se da definição mais clássica, do chamado “papa da ecologia”, Eugene Odum:

Um ecossistema é um conjunto de populações (ou seja, um grupo de indivíduos de mesma espécie coabitando uma área geográfica) que interage entre si e que sofre influências químicas e físicas do meio, ao mesmo tempo em que provoca alterações no mesmo (ODUM, 1985, p.54).

Enquanto a ecologia foi tratada por teóricos como uma ciência voltada para o estudo da interação dos organismos (animais, plantas e microorganismos) dentro do e no mundo natural (RICKLEFS, 1996), a definição do termo da sustentabilidade foi adiante e apresenta mais elementos para a compreensão do papel do homem em relação ao meio ambiente.

Desde o século XVII até os anos 1980, o termo foi utilizado como jargão dos engenheiros agrônomos, florestais e de pesca, para evocar a possibilidade de um ecossistema permanecer robusto e estável (resiliente), apesar de agredido pela ação humana.

Essa noção de capacidade quantificada da natureza (a capacidade biológica ou biocapacidade), calculada para determinadas atividades com fins econômicos, como a pesca, a produção agrícola, pecuária ou florestal, é baseada em um conceito superficial de sustentabilidade.



II Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo Ambiental

29 a 31/05/2014 | UFRGS – Porto Alegre/RS | <http://www.enpja.com.br>

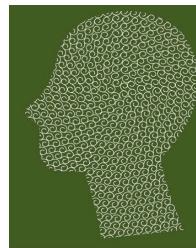
A percepção de que o termo teria uma significação mais ampla do que resiliência de recursos naturais surgiu em 1987, durante a Conferência das Nações Unidas, em Estocolmo, na Suécia. Neste ano, a criação do documento Nossa Futuro Comum, ou Relatório Brundtland, assumiu pela primeira vez que o termo do desenvolvimento sustentável, até então apropriado por trabalhadores rurais, passasse a integrar os discursos oficiais, politicamente validados pelas instituições. O relatório tinha esse nome porque a conferência foi chefiada pela primeira-ministra da Noruega, Gro Harlem Brundtland.

Outra ideia apresentada sobre o nascimento do termo seria a derivação semântica advinda do alemão (*nachhaltigkeit*), do inglês (*sustained yield*) e do francês (*produit soutenu*) cuja coesão de significação seria resultado do aparecimento das ciências florestais nos três países (GROBER, 2007 apud DI FELICE, M.; TORRES, J. C.; YANAZE, L. K. H, 2012, p.99).

Apesar da definição, cabe ressaltar que a sustentabilidade não é algo estático ou fechado em si mesmo, mas faz parte de um processo de busca permanente de estratégias de desenvolvimento que qualifiquem a ação e a interação humana nos ecossistemas. Caporal e Costabeber (2000) advertem que este processo deve estar orientado por certas condições que, no seu conjunto, permitam a construção de um contexto de sustentabilidade crescente no curto, médio e longo prazo.

De acordo com os autores, se o crescimento econômico havia sido o pilar do desenvolvimento nas quatro primeiras décadas do desenvolvimentismo, contemporaneamente o discurso sobre desenvolvimento incorporou, definitivamente, a problemática socioambiental. Para problematizar o assunto e apresentar respostas, os autores apresentam duas correntes de pensamento distintas sobre a sustentabilidade: a ecossocial e a ecotecnocrática.

Marcada por um otimismo tecnológico e de artifícios econômicos, a corrente ecotecnocrática é baseada nas ideias de Brundtland, e defende o crescimento econômico prevendo um uso racional dos recursos. Regula mecanismos de mercado para a incorporação da natureza no mesmo, instituindo uma lógica de mercantilização com a cobrança de taxas por degradação e incorporando os custos da externalidades. De acordo com os autores, essa hipótese valoriza o alto potencial produtivo a partir do otimismo tecnológico e em detrimento da resolução de reais problemáticas socioambientais.



II Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo Ambiental

29 a 31/05/2014 | UFRGS – Porto Alegre/RS | <http://www.enpja.com.br>

Já a corrente ecossocial seria calcada na noção de ecodesenvolvimento, o que pressupõe o pluralismo de tecnologias tradicionais e modernas com respeito ao ecossistema local, e ao mesmo tempo, respeitando interesses e decisões dos atores envolvidos no processo de desenvolvimento. Um desenvolvimento que respeite os distintos modos de vida e diferentes culturas, além de favorecer a preservação da biodiversidade.

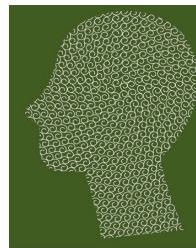
4. Pesquisa em rede

Desde o estabelecimento da Internet como meio de comunicação e de constituição de grupos sociais, possibilitados pelas facilidades da rede, alguns pesquisadores perceberam que as técnicas de pesquisas etnográficas também poderiam ser utilizadas para o estudo das culturas e das comunidades agregadas via Internet (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2010). A etnografia contribuiu para a compreensão do papel e a complexidade da comunicação mediada por computador. Apesar de ser vinculada ao *online*, a etnografia digital nunca se dá desvinculada do *offline*, acontecendo através do engajamento e imersão do pesquisador no meio.

Criado no início da década de 90, o termo netnografia (net + etnografia) foi popularizado por Kozinets (2010), em pesquisas relacionadas ao marketing e comunidades de consumo *online*. O autor apresenta o método como o ramo da etnografia que analisa o comportamento livre dos indivíduos na Internet por meio de técnicas de pesquisa de marketing digital para fornecer informações úteis. Como metodologia, a netnografia pode ser mais rápida, mais simples e menos cara do que a etnografia, e mais naturalista e discreto de grupos focais ou entrevistas (KOZINETS, 2010).

Uma série de autores tem discutido a validade da transposição desse método, e inclusive, criado adaptações para o termo, tais como etnografia virtual ou netnografia. Os atos descriptivos incluem uma série de protocolos que devem ser devidamente organizados, tais como: entrar em contato com o grupo; manter um diário com as anotações (com apontamentos emotivos, empíricos, reflexivos e analíticos); contextualizar os informantes; usar diversos tipos de entrevistas.

Em seu mais recente livro sobre conversação das redes sociais, Recuero (2012) define que essas não são pré-construídas pelas ferramentas, e sim apropriadas pelos atores sociais, que lhes



II Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo Ambiental

29 a 31/05/2014 | UFRGS – Porto Alegre/RS | <http://www.enpja.com.br>

fornecem sentido, e que as adaptam para as suas práticas. São, portanto, novos espaços de conversação.

Segundo a autora,

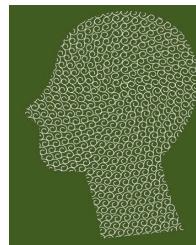
[...] o computador, mais do que uma ferramenta de pesquisa, de processamento de dados e de trabalho, é hoje uma ferramenta social, caracterizada, principalmente pelos usos conversacionais. Isso quer dizer que os computadores foram apropriados como ferramentas sociais e que esse sentido, em muitos aspectos, é fundamental para a compreensão da sociabilidade na contemporaneidade (RECUERO, 2012, p. 21).

Nesse sentido, para que uma conversação ocorra, é preciso que algumas condições estejam estabelecidas entre os usuários das redes para que haja entendimento do contrato de fala e de leitura. A ocorrência de uma conversação necessita, por exemplo, segundo Recuero, de compreensão e legitimação dos enunciados dos demais participantes do diálogo. Neste processo, existe mudança na fala e existe negociação sobre os processos discursivos.

A conversação é, portanto, a porta de entrada para as interações e relações sociais. Não apenas o que é dito gera elementos para interpretação e análise do diálogo, mas também aquilo que não é explicitado, e outros elementos fora a linguagem. Outra característica descrita pela autora é que essa linguagem é bastante similar com a linguagem oral. O emprego de elementos gráficos, como os *emoticons* (ícones gráficos) e outros léxicos especiais são estratégias de apoio à escrita para expressar aspectos que apenas o texto não dá conta de transmitir.

A autora aborda ainda a importância do contexto em que a conversação acontece. Geralmente, há três elementos que compõem o contexto no qual é estabelecida uma conversação: o local, que compreende o quadro espaço-temporal, o objetivo da interação e os participantes. Ele também pode ser constituído, segundo Recuero (2012), de uma linguagem comum e *backgrounds* semelhantes.

Para melhor compreender essas conversações, foi utilizado em associação complementar o método de análise de discurso. O emprego desta teoria se faz importante neste caso porque, em meio a imagens, vídeos e ícones, o discurso verbal pela linguagem é a forma como a sustentabilidade mais se expressa no universo *online*. Dessa forma, dentre os autores da corrente francesa que mais se alinham com a sociolinguística e o discurso social, a principal referência se



II Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo Ambiental

29 a 31/05/2014 | UFRGS – Porto Alegre/RS | <http://www.enpja.com.br>

dará com base nos estudos de Charaudeau (2006), que discute as noções de discurso no contexto da mídia. Segundo define o autor, o discurso de informação é uma atividade de linguagem que permite que se estabeleça nas sociedades o vínculo social sem o qual não haveria reconhecimento identitário.

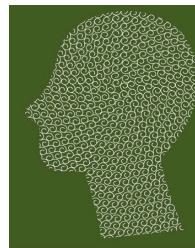
As mídias são um suporte organizacional que se apossa dessas noções para integrá-las em suas diversas lógicas - econômica (fazer viver uma empresa), tecnológica (estender a qualidade e a quantidade de informação) e simbólica (servir à democracia cidadã) (CHARAUDEAU, 2006, p.12).

Para Charaudeau (2006), analisar um discurso implica em basear-se no ato de comunicação considerando a troca entre as instâncias e produção e recepção. Segundo ele, o ato comunicativo depende da relação e da intencionalidade instaurados nessas duas instâncias.

No caso dos discursos sobre sustentabilidade presentes nas redes sociais, produtores e receptores das falas estão em contato. Coexistem em uma rede horizontalmente, ou seja, sem escala de importância, sujeitos emissores de discursos antagônicos ou diversos. A ausência de limites sobre temas e o caráter de livre trânsito quanto às formas de interação permitem que indivíduos portadores de perfis totalmente distintos, inclusive no que tange a fatores ideológicos, sociais e econômicos, estejam articulados no mesmo ambiente virtual, simultaneamente. Este modelo de topologia da rede social digital permite um estabelecimento de um maior número de conexões entre um perfil com seus públicos associados.

5. Análise

Para verificar como ocorrem os discursos sobre sustentabilidade nas redes sociais, após o estudo teórico do tema, foi preciso fazer escolhas de três aspectos diferentes: que discursos analisar, o período de recorte para coleta das amostras e a rede social a ser observada. A partir da leitura do texto de Caporal e Costabeber (2000) sobre agroecologia e desenvolvimento rural sustentável, onde os autores trazem uma categorização de dois diferentes olhares para o entendimento da sustentabilidade – a visão ecossocial e a ecotecnocrática –, ficou evidente a marca da *contradição* presente nos discursos sobre o tema.



II Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo Ambiental

29 a 31/05/2014 | UFRGS – Porto Alegre/RS | <http://www.enpja.com.br>

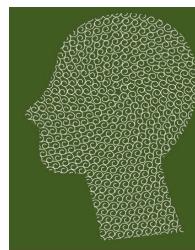
Portanto, para verificar como esses dois tipos de visões estão presentes nas falas sobre sustentabilidade, foi escolhido como período de análise, um evento de relevância internacional: a Conferência Mundial das Nações Unidas para o Meio Ambiente - Rio+20, evento que reuniu, na cidade do Rio de Janeiro (RJ – Brasil) no período de 13 a 22 de junho de 2012, representantes de governos, empresas, mídia e sociedade civil para discutir os rumos da sustentabilidade mundial.

Nesta ocasião, foi marcante a presença do assunto em redes sociais como o Twitter e o Facebook. Usuários da Internet do Brasil e de diversos locais do mundo postaram milhares de mensagens nos dias que antecederam a conferência, durante a realização da mesma e após o seu término. O intuito, de maneira geral, foi compartilhar notícias, agendas de atividades, impressões, críticas, pontos de vista, questionamentos e opiniões sobre o evento, seus impactos e seus desdobramentos. Desta forma, o estudo tratou de observar como essa conversação em rede foi capaz de mobilizar a opinião pública para as pautas da sustentabilidade.

Quem falou nas redes, de maneira geral, não proferiu um discurso unilateral. Houve falas de instituições governamentais, de pessoas públicas (tais como artistas, governantes, políticos, formadores de opinião), de organizações não governamentais, de empresas, entre outros. Todos esses discursos coexistiram de forma democrática, confrontando as contradições do tema e oportunizando ao usuário da rede ter uma visão global do que estava acontecendo, de acordo com as suas conexões estabelecidas.

Sendo assim, para melhor visualizar na prática os dois tipos discursivos sobre sustentabilidade apresentados por Caporal e Costabeber (2000) – o viés ecossocial e o ecotecnocrático - foram eleitos dois tipos discursivos que expressam claramente essa contradição: o discurso midiático, presentes em veículos de comunicação, e o discurso ideológico, manifestado pelas ONGS. A escolha desse recorte parte do pressuposto que há uma aproximação do discurso midiático com viés ecotecnocrático, enquanto a visão das ONGS se aproxima mais a uma visão ecossocial.

Entre os perfis de mídia presentes da rede social, foram escolhidos dois que realizaram cobertura completa do evento: um da mídia televisiva segmentada, a Globo News, e outro de uma agência de notícias ambientais na Internet, a Agência Envolverde. Na parte das ONGS, foram escolhidas também duas instituições: uma de grande porte e atuação internacional, o Greenpeace; e



II Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo Ambiental

29 a 31/05/2014 | UFRGS – Porto Alegre/RS | <http://www.enpja.com.br>

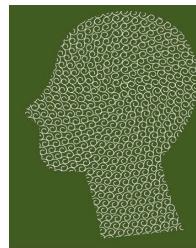
outra com atuação em território nacional e mais focada em aspectos de preservação da natureza brasileira, a SOS Mata Atlântica. Cabe ressaltar que as escolhas foram tomadas tendo por base a presença atuante das instituições no ambiente *online*, postando mensagens nas redes sociais durante a realização da conferência. Destas, foram extraídos os discursos para amostra da análise.

Tratando sobre as redes, é importante destacar que tanto na rede social Twitter quanto no Facebook pode-se observar forte presença desses discursos durante a realização da conferência. Porém, por uma necessidade de sintetizar a quantidade de amostras, foi eleito apenas o Facebook. Entre os fatores levados em conta para a escolha desta rede estão: sua repercussão e relevância entre os usuários na atualidade; e as ferramentas que possibilitam maior interação, tais como os itens “Compartilhar”, “Curtir” e “Comentários”, “número de usuários”, entre outros.

Uma vez definido que a análise compreende o período entre os dias 13 e 22 de junho de 2012 (data da realização do evento), foram selecionados e coletados os *posts* e comentários desses quatro perfis institucionais (Globo News, Agência Envolverde, Greenpeace e SOS Mata Atlântica). Destes, foram identificados os discursos relacionados com o tema da sustentabilidade que fazem menção à Rio+20. Por fim, foram observadas as interações e conversações sobre esses conteúdos com a finalidade de compreender de que forma a rede social serve de palco ou cenário para conversas acerca do tema da sustentabilidade.

As categorias para a análise das amostras discursivas foram extraídas do estudo teórico sobre redes sociais e sustentabilidade, levantadas nos capítulos anteriores. Optou-se em organizá-las em duas estruturas: as categorias de macroanálise discursivas (trazem elementos como os sujeitos discursivos, o lugar de fala, a linguagem própria da rede e as estratégias discursivas) e as categorias de microanálise discursivas (aspectos mais internos ao discurso digital, como o chamamento para a ação, a presença do discurso ecosocial e ecotecnocrático e a interação).

Durante os nove dias, mais de 500 atividades foram realizadas em locais como o Riocentro (a área da conferência oficial, que recebeu cerca de cinco mil pessoas), o Forte de Copacabana (onde estava uma exposição da artista plástica Bia Lessa, que recebeu cerca de vinte e duas mil pessoas) e a Cúpula dos Povos (o espaço das manifestações populares, que recebeu cerca de 300 mil visitantes).



II Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo Ambiental

29 a 31/05/2014 | UFRGS – Porto Alegre/RS | <http://www.enpja.com.br>

Como resultados, a conferência deixou muitas expectativas frustradas. Os impasses, principalmente entre os interesses dos países desenvolvidos e em desenvolvimento, dificultaram o acerto de ações práticas para a preservação ambiental. O documento final assinado pelos chefes de Estado apresenta várias intenções e joga para os próximos anos a definição de medidas práticas para garantir a proteção do meio ambiente.

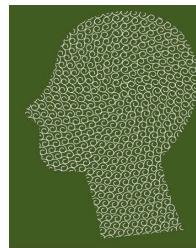
Apesar das críticas ao documento oficial resultado da Rio+20, as redes sociais comprovaram que o assunto realmente ganhou a atenção da população. Devido à grande quantidade de pessoas com *smartphones* na conferência, foi forte também o acesso pelos dispositivos móveis aos canais de relacionamento na Internet. Pelo Facebook ou Twitter, muitos brasileiros e estrangeiros comentaram notícias, postaram opiniões, trouxeram informações dos eventos e locais que frequentaram bem como compartilharam conteúdos produzidos pelos celulares, tais como fotos e vídeos.

A Organização das Nações Unidas (ONU) teve um papel importante neste cenário, que foi incentivar, através de campanhas oficiais, o compartilhamento de informações por meio das redes sociais. A ideia de mobilizar os cidadãos sobre as discussões da conferência tinha a proposta de dar mais visibilidade aos resultados do encontro e ampliar sua repercussão. Para tanto, foi recomendado o uso das palavras-chave #RioMais20, #FutureWeWant e #eusounos. As melhores mensagens foram divulgadas pelas Nações Unidas nos perfis oficiais da conferência. Outra estratégia da organização que colaborou para o uso dessas ferramentas foi a atualização em tempo real de notícias sobre a programação.

6. Resultados da análise dos discursos midiáticos e de ONGs

Após a coleta da amostra de discursos (falas dos perfis selecionados no Facebook) e análise detalhada das interações com seus seguidores (comentários, curtidas, compartilhamentos), é possível fazer alguns apontamentos.

Enquanto o discurso midiático apresentou um caráter mais informativo, fazendo alusão aos eventos da programação e mostrando uma diversidade de olhares acerca dos assuntos tratados na Conferência, o discurso das ONGs revelou-se com caráter ideológico, mostrando-se na defesa das



II Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo Ambiental

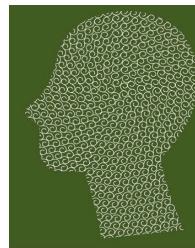
29 a 31/05/2014 | UFRGS – Porto Alegre/RS | <http://www.enpja.com.br>

pautas ambientais. Se por um lado o discurso de mídia esbarra na dificuldade de apresentar engajamento com questões de sustentabilidade, as ONGs não apresentam esse mesmo desafio. As ONGs declaram-se abertamente posicionadas enquanto a mídia mantém uma posição imparcial. É por essa razão que se pode comparar o discurso midiático ao discurso ecotecnocrático, e o discurso das ONGs ao discurso ecossocial.

Entre os discursos midiáticos, percebe-se notadamente a diferença entre a mídia de massa e a mídia segmentada no aspecto das estratégias discursivas. Enquanto a Globo News trata o tema de forma mais objetiva, a Agência Envolverde trata de forma mais explicativa e aprofundada. Essa diferença discursiva se dá em razão de que a Globo News utiliza a rede social como ferramenta de apoio para a divulgação de seus programas e para interagir com o público, deixando os conteúdos mais longos e aprofundados para o canal de televisão. Estratégia diferente da Envolverde, que tem na Internet um de seus principais meios de atuação e utiliza-se de um discurso um pouco mais engajado.

A repercussão das falas das ONGs é muito distinta, em função do reconhecimento e notoriedade de ambas as instituições. Por ter atuação internacional, ter um número de integrantes maior e um posicionamento mais combativo com relação a polêmicas ambientais, o Greenpeace tem uma interação muito mais ativa, ou seja, seus seguidores compartilham, comentam e curtem mais as postagens do que os seguidores da ONG SOS Mata Atlântica. O que define a repercussão de seus dizeres é o posicionamento de cada seguidor, ou sujeito receptor, em relação aos assuntos propostos pelo sujeito emissor do discurso.

Levando em conta o objetivo deste estudo de refletir sobre o papel das redes sociais na construção de uma ideia coletiva de sustentabilidade, a presente análise ajuda a diferenciar forças ideológicas manifestadas a partir de discursos. Uma delas é a força da mídia, a outra, a força das organizações não governamentais. Muitas outras forças que não entraram na análise atuam nesse processo, como as forças políticas e empresariais, por exemplo. Todos esses discursos, que coexistem nas redes, são fatores de influência na formação de opinião sobre práticas sustentáveis. As alternâncias de linguagem, as variáveis temáticas, as instâncias de produção e recepção, as estratégias discursivas, é que vão definir o quanto essas falas irão gerar interação.



II Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo Ambiental

29 a 31/05/2014 | UFRGS – Porto Alegre/RS | <http://www.enpja.com.br>

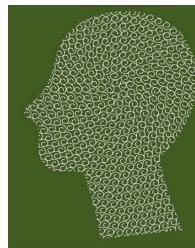
Verificar como os usuários das redes sociais se apropriam do tema da sustentabilidade e como ocorrem essas interações era outra proposta do trabalho. Pois foi verificado que a conversação entre o sujeito emissor dos discursos e o sujeito receptor acontece como em outros temas: há convergências de ideias, discordância, ironia, humor, apatia, mas geralmente essas interações ocorrem da parte dos usuários. Uma vez que a instituição emitiu um discurso oficial, não é comum que as mesmas comentem (nas redes sociais) as respostas dos internautas. Seu papel seria, de forma geral, o de apontar pontos que iniciem o diálogo, mas não gerenciar esses diálogos, embora a possibilidade seja oferecida pela ferramenta que traz opção de remover comentários do Facebook.

Outra questão que ficou evidenciada é a confirmação de que, embora a rede social tenha o papel de aproximar os cidadãos de seus interesses, essa aproximação esbarra em um engajamento superficial, pois, muitas vezes, o mesmo ocorre mais em forma de *clicks* e compartilhamentos do que em efetivas ações práticas.

Apesar de as redes disponibilizarem acesso a informações e conectarem as pessoas, isso nos leva a crer que não há um aumento da efetividade das ações relacionadas à sustentabilidade. Simplesmente, é mais um espaço criado e disponibilizado para lançar propostas, gerar conversas e mobilizar ideias. Mais um lugar de expor, debater, posicionar-se, enfim, interagir. Pelas suas características de instantaneidade, possibilidade de associar texto, áudio e vídeo e interações com seus receptores, amplifica e potencializa aquilo que já existe no comportamento social: engajamentos, posicionamentos, posturas passivas ou críticas. Porém, é um espaço que não garante que as teorias se concretizem.

7. Considerações finais

Mergulhar no universo de duas temáticas distintas e ao, mesmo tempo, relacionadas, inicialmente, mostrou-se um caminho novo, a ser construído. Quando se escolheu tratar do mundo da ecologia e da tecnologia, pelo viés do discurso e da linguagem, sabia-se que, antes de uma análise das conexões, ter-se-ia que compreender pelo viés da teoria e da prática, como as áreas dialogam.



II Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo Ambiental

29 a 31/05/2014 | UFRGS – Porto Alegre/RS | <http://www.enpja.com.br>

Apesar de não pertencerem à mesma área de conhecimento, as redes sociais e sustentabilidade são temas que possuem intersecções. Ambos estão sendo entendidos como novidades, e apontando uma possível mudança de cultura nas instituições e sociedades.

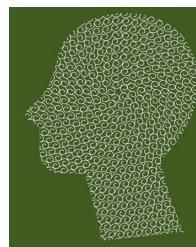
Ao final deste estudo, ficou evidente a importância das redes sociais como espaços onde as trocas de informação acontecem de forma mais rápida, fluida, espontânea, sem filtros e direta. Apesar da possibilidade de excluir comentários e dessa forma, editar o conteúdo que é exibido no mural, a maioria dos discursos emitidos no Facebook fica exposta sem filtros ou moderação, possibilitando dessa forma, perceber a pluralidade de opiniões presentes na rede. Esse caráter livre e democrático é um dos aspectos responsáveis por atrair tantos novos usuários a cada dia.

Percebeu-se que a existência de conversações nas páginas dos perfis escolhidos para análise não representa, necessariamente, que as pessoas estejam dialogando sobre o tema da sustentabilidade, ou engajadas em causas relacionadas a ela. Afinal, em muitas situações os usuários apenas usavam o espaço para protestar sobre determinado assunto, manifestar concordância ou discordância, tecer elogios ou críticas, mas na maioria das vezes, sem dar seguimento a um debate ou a uma interação mais aprofundada.

Salvo raras exceções em que os usuários da rede mostraram maior nível de engajamento, principalmente nos comentários tecidos por seguidores do Greenpeace, a maioria dos usuários não demonstrou aspectos de liderança, mobilização efetiva ou ativismo na rede social.

O estudo realizado apontou que o uso do Facebook em um momento específico como uma conferência de meio ambiente não foi suficiente para mobilizar a opinião pública acerca dos temas da sustentabilidade. Quem mais interagiu foram aqueles que naturalmente já são atraídos e mobilizadas pela causa ambiental - os ambientalistas do Greenpeace.

Diferente do que foi pressuposto no início deste trabalho, as redes sociais não se consagram no fortalecimento de uma ideia coletiva de sustentabilidade nos espaços que se propõem a falar sobre ela. Isso ocorre porque as conversações observadas nos discursos analisados não apontaram diálogos produtivos acerca dos temas da Rio+20. Mostraram, pelo contrário, que a rede social em questão serve para as pessoas expressarem sentimentos em relação aos temas que lhes forem mais caros e emitirem opiniões, nem sempre convergentes com o que foi pautado nos *posts* e comentários.



II Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo Ambiental

29 a 31/05/2014 | UFRGS – Porto Alegre/RS | <http://www.enpja.com.br>

Aliás, quando se trata sobre a opinião dos internautas sobre o tema da sustentabilidade, é possível dizer que há muita divergência. Em diversas situações, a contradição esteve presente nos comentários - reforçando a presença do discurso ecossocial e do ecotecnocrático.

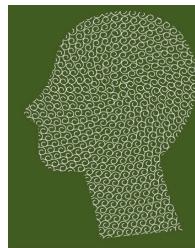
De modo geral, a existência das redes sociais ajuda a manter as pessoas mais informadas, e comunicar mais, isso sim, sobre problemas do dia a dia e sobre soluções pessoais para lidar com esses problemas. Embora as redes mais populares possam ser consideradas transitórias, devido à velocidade das mudanças tecnológicas, elas têm tido o papel fundamental de serem propulsoras para o interesse a assuntos aleatórios (como a sustentabilidade). Elas possibilitam trocas culturais e informacionais, permitem um contato com ídolos ou pessoas admiradas que não existiria se não fosse pelas redes. Permite conhecer oportunidades, evitar problemas, encurtar caminhos. São um termômetro que mede os interesses de boa parte da população.

A rede ganhou um sentido social relevante na medida em que passou a contar com a presença de pessoas, empresas e instituições, que migraram para o mundo virtual. Mais do que reunir interesses pessoais, tornou-se espaço de divulgação de produtos, marcas, serviços, histórias, observações e críticas sociais, anúncio de tendências, protestos, movimentos positivos e também de discordâncias. Esse movimento levou, ainda, a uma digitalização das cidades, pois com tanto registros discursivos sobre os hábitos das pessoas, foram realizados uma série de mapeamentos sobre os hábitos e gostos de quem mora nas cidades.

Com um caráter mais personalizado e informativo, esse mapeamento ajuda a pessoa a apropriar-se da gestão do local onde mora. Ou seja, a rede social representa um empoderamento social para quem sabe utilizar as suas ferramentas e beneficiar-se dos contatos que ela reúne. Quem não sabe, inexoravelmente, acaba ficando distante desta realidade e pode tornar-se um excluído no meio virtual.

O meio digital não aproxima as pessoas fisicamente, mas possibilita acesso a ferramentas para que isso aconteça. Nenhuma mudança realmente importante para a sociedade acontece a partir da existência de uma rede social como Facebook, mas sim a partir do comportamento de seus usuários.

Com essa ferramenta poderosa em mãos, o cidadão que também é consumidor, passou a fazer valer mais a sua “voz”. A intencionalidade de um discurso proferido na rede social é capaz de



II Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo Ambiental

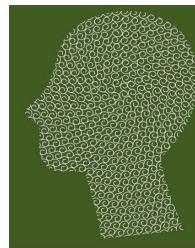
29 a 31/05/2014 | UFRGS – Porto Alegre/RS | <http://www.enpja.com.br>

colher resultados rápidos e amplos. Mas também muitas vezes efêmeros. Tanto o cidadão quanto o consumidor começou a trocar a passividade – na qual se encontrava há muitos anos – por uma nova forma de engajamento. Criticados por pertencerem a uma geração acomodada, que pouco reclamou ou protestou por causas sociais, ambientais e políticas, os usuários ativos da Internet no Brasil estão passando por novas formas de ativismo e engajamento.

Por mais superficial que ainda seja um *engajamento do clique*, ou *do sofá*, é uma forma polivalente e pós-moderna de fazer parte de algo. Por exemplo, ao mesmo tempo um jovem pode participar de um evento antiglobalização e trabalhar em uma grande empresa multinacional. São essas contradições da era contemporânea o principal desafio para a sustentabilidade. Um desafio que a rede social ajuda a evidenciar, e quem sabe, superar.

A sustentabilidade acontece no meio desse emaranhado de informações. Não está restrita apenas a acontecer em espaços exclusivos dedicados a assuntos ecológicos, editoriais segmentados. Existe quando há uma “pedalada na cidade” mobilizada pela rede. Existe quando uma ONG convoca seus integrantes a fazer uma limpeza na orla. Ocorre ao disseminar informações importantes, outrora reservadas a poucos. Ocorre quando as relações interpessoais se estreitam em uma mesma comunidade, diminuindo desigualdades e aumentando as trocas. Ocorre quando feiras e brechós de roupas usadas acontecem, evitando que muitas peças de roupas sejam desperdiçadas. A rede mostrou-se como um elemento facilitador das trocas sociais e solidárias, restabelecendo um sentimento antigo, mas perdido entre os individualismos das grandes cidades no cenário contemporâneo. Não é de hoje esse espírito das trocas coletivas. Antes, essas trocas aconteciam de forma presencial, ou de formas analógicas, sem a internet, mas com o uso de tecnologias de cada época. O espaço virtual - que cresce e ganha terreno - e cada ano amplia as possibilidades para que esses encontros ocorram, e as práticas antes sistematizadas de forma física, sejam transpostas para o universo dos computadores e telefones celulares.

No caso da Rio+20, a maior parte dos ambientalistas e brasileiros considerou o documento final uma lástima, fazendo o julgamento de que este impediu avanços importantes na proteção do meio ambiente. Pelas redes, não foi a maior parte dos usuários que se mostrou interessada na ideia de salvar o planeta. Mesmo assim, com esse cenário desfavorável, a Rio + 20 passou meses sendo um dos assuntos mais comentados do mundo nas redes sociais.



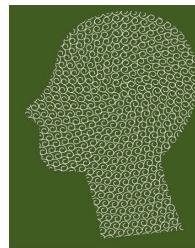
II Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo Ambiental

29 a 31/05/2014 | UFRGS – Porto Alegre/RS | <http://www.enpja.com.br>

Portando, apesar da conferência não ter dados os passos necessários para a humanidade avançar de forma decisiva em temas tão delicados, uma semente de vital importância foi plantada na sociedade: fazer as pessoas pensarem mais sobre a preservação do meio ambiente e a qualidade da vida em sociedade. Ao final, uma das considerações principais deste trabalho – senão a principal – é a evidência de que a nova ecologia não vai estar contida em novas ideologias nem em novos aparatos tecnológicos, mas sim em novos comportamentos, que muito se assemelha com o que autor francês Felix Guattari descreve como a *ecosofia*. Segundo o autor, esta não será nem uma disciplina de recolhimento na interioridade, nem uma simples renovação das antigas formas de militância. Trata-se de um movimento de múltiplas faces que dá lugar a instâncias e dispositivos analíticos e produtores de subjetividade.

Referências

- Agência Envolverde. Disponível em <http://envolverde.com.br/> e <http://midiakit.envolverde.com.br/a-envolverde/>. Acesso em 15 de novembro de 2012.
- BACCHETTA, Víctor. El periodismo ambiental. In: BACCHETTA, Víctor L. (org). **Ciudadanía Planetaria**: temas y desafíos del periodismo ambiental. Uruguay: Federación Internacional de Periodistas Ambientales / Fundación Fridrich Ebert, 2000
- BAMBRILLA, Ana (org). **Para entender as Mídias Sociais**. Walter Lima- autor do artigo Mídias Sociais Conectadas e Social Machines. Ano: 2011. Licença para o CreativeCommons.
- BUENO, Wilson da Costa. **Comunicação, jornalismo e meio ambiente**: teoria e pesquisa. São Paulo, Mojoara Editorial, 2007.
- CAPORAL, Francisco Roberto e COSTABEBER, José Antônio. **Agroecologia e desenvolvimento rural sustentável**: perspectivas para uma nova extensão rural. Porto Alegre, v.1, n.1, jan/mar 2000.
- CAPRA, Fritjof. **As Conexões Ocultas** – Ciência para uma vida sustentável. São Paulo: Cultrix, 2002.
- CARVALHO, Cristiane Mafacioli. **Tevê**: incursões sobre o discurso pedagógico. Tese (doutorado). São Leopoldo: Unisinos, 2004.
- CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das Mídias**. São Paulo: Contexto, 2006.



II Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo Ambiental

29 a 31/05/2014 | UFRGS – Porto Alegre/RS | <http://www.enpja.com.br>

DI FELICE, M.; TORRES, J. C.; YANAZE, L. K. H. **Redes digitais e sustentabilidade** - as interações com o meio ambiente na era da informação. São Paulo: Annablume, 2012.

Facebook. Disponível em <http://www.facebook.com/>, <http://www.facebook.com/GloboNews>, <http://www.facebook.com/envolverde?fref=ts> <http://www.facebook.com/GreenpeaceBrasil?fref=ts>, <http://www.facebook.com/SOSMataAtlantica?fref=ts> e <http://www.facebook.com/ONURioMais20?fref=ts>. Acessos entre junho de 2011 e fevereiro de 2013.

FERRARI, Pollyana. **A força da mídia social** - Interface e linguagem jornalística no ambiente digital. São Paulo: Fatash, 2010.

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. **Métodos de pesquisa na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2011,

FRANCO, Augusto de. **Escola de Redes** - Tudo que é sustentável tem o padrão de rede. Sustentabilidade empresarial e responsabilidade corporativa no século 21. Curitiba: ARCA – Sociedade do Conhecimento, 2008. Edição digital disponível em www.escoladeredes.org.br. Acesso em 21 de junho de 2011.

GUATTARI, Félix. As três ecologias. Tradução: Maria Cristina F. Bittencourt. Campinas: Papirus, 1990

Globo News. Disponível em <http://g1.globo.com/globo-news/> e <http://g1.globo.com/globo-news/programacao.html>. Acesso em 15 de novembro 2012.

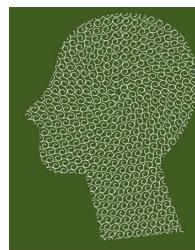
Greenpeace Brasil. Disponível em <http://www.greenpeace.org/brasil/pt/> e <http://www.greenpeace.org/brasil/pt/quemsomos/>. Acesso em 15 de novembro de 2012

IDGNow – **Tecnologia em Primeiro Lugar**. Disponível em <http://idgnow.uol.com.br/blog/planoseideias/2012/07/03/rio20-segundo-as-redes-sociais-importante-mesmo-e-ter-feriado/> Acesso em 19 de janeiro de 2012.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. São Paulo: Aleph, 2008.

KOZINETS, Robert. **Netnography**: ethnographic research in the age of the internet. Thousand Oaks, CA: Sage Publications Ltd, 2010.

LEFF, Enrique. **Discursos Sustentáveis**. São Paulo: Cortez, 2010.



II Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo Ambiental

29 a 31/05/2014 | UFRGS – Porto Alegre/RS | <http://www.enpja.com.br>

LEMOS, André (org). **Cibercidade**. As cidades na cibercultura. Rio de Janeiro, Editora e-papers, 2004, p. 19-26.

MANOVICH, Lev. **The language of new media**. Cambridge (MA): MIT, 2001.

Manual de Etiqueta 3.0 – 65 ideias para enfrentar o aquecimento global e outros desafios da atualidade. Encarte elaborado pela Editora Abril e veiculado na revista Superinteressante nos meses de junho e julho de 2011.

MITCHELL, William J. **E-topia**. São Paulo: Senac, 2002.

ODUM, Eugene P. **Ecologia**. Rio de Janeiro: Interamericana, 1985.

OLIVEIRA, Priscila Guimarães de. **A constituição de georastros em contextos locais de Porto Alegre a partir do sistema Foursquare**. Dissertação (Mestrado). Pucrs, 2012.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **A linguagem e seu funcionamento**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

PELLANDA, Eduardo Campos. **A Internet como ambiente de convergência de mídias e criação de linguagem própria**. Porto Alegre, PPGCOM-PUCRS, 2001.

PINTO, Milton José. **Comunicação e discurso**. Introdução à análise de discursos. São Paulo: Hacker editores, 1999.

RECUERO, Raquel. **A conversação em rede**. Porto Alegre: Sulina, 2012.

_____. Diga-me com quem falas e dir-te-ei quem és: a conversação mediada pelo computador e as redes sociais na internet. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, n.38, p. 118-128, 2009

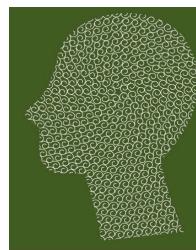
_____. **Redes Sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2010.

RICKLEFS, Robert. **A economia da natureza**. Rio de Janeiro: Guanabara-Koogan, 1996.

SANTAELLA, Lúcia e LEMOS, Renata. **Redes Sociais Digitais** - a cognição conectiva do Twitter. São Paulo: Paulus, 2010.

SANTAELLA, Lúcia. A ecologia pluralista das mídias locativas. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, n.37, p. 20-24, 2008.

_____. **Comunicação e Pesquisa** – Projetos para Mestrado e Doutorado. São Paulo: Hacker, 2001.



II Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo Ambiental

29 a 31/05/2014 | UFRGS – Porto Alegre/RS | <http://www.enpja.com.br>

_____. **Linguagens líquidas na era da mobilidade.** São Paulo: Paulus, 2007.

SHIRKY, Clay. **Lá vem todo mundo** – O poder das organizações sem organização. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

SHIVA, Vandana. **Monoculturas da mente.** São Paulo: Gaia, 2003

SOS Mata Atlântica. Disponível em <http://www.sosma.org.br/> e <http://www.sosma.org.br/quemsomos/>. Acesso em 15 de novembro de 2012

Twitter. Disponível em www.twitter.com. Acessos entre agosto de 2011 e dezembro de 2012.

VAN PEBORGH, Ernesto. **Odisea 2.0** - Las Marcas e lós Medios Sociales. Buenos Aires: La Crujía, 2010.

_____. **Sustainability 2.0.** Buenos Aires, 2008. Edição digital disponível em www.ecodesenvolvimento.org.br.

VERÓN, Eliséo. **La semiose social.** Fragmentos de una teoría de la discursividad. Barcelona: Gedisa, 1996.